



le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



James F. Garey.
1894.

DEVANEIOS

Poesias

de

Afonso Celso Jor.



4696
BIBLIOTECA DE ENLAPORALDO

A' MEU PAE

O Sr. Conselheiro

Afonso Celso de Assis Figueiredo

MEMÓRIAS

EIS um livro de moço com todas as incongruencias e volubilidades de um Imaginar novel, de uma impressão facil e um sentimento vivaz.

Escripto em menos de 8 mezes, quando para o auctor mal assomavam os arreboes dos 17 annos, encerra, sem duvida, gravissimas incorrecções e numerosos defeitos.

Porque então publical-o?

Porque o auctor vendo o triste exemplo de tantos outros aos quaes o perpassar dos annos e o amadurecer do entendimento fizeram feuecer a flôr da inspiração, nelle tão debil, — teme que os cantares que agora se lhe afiguram soffríveis, tornem-se um pouco mais tarde descabidos e desaproveitados.

Filiei-me à eschoia lyrica: primeiro, porque a minha natureza assim o aconselhou; depois, porque me não acho ainda

com aprumo bastante para tentar a senda difficil do socialismo, nem com azas sufficientemente fortes para resistir ás lufadas da poesia collectiva nos adejos pelo horisonte das phantasias.

Canto o que sinto e vejo sem me atrever á tirar as illações.

Reconheço a extrema utilidade da poesia social que congrega os povos, encarece o assumpto, e como que imprime nas producções um character generico e despido de egoismo ; porém exigindo mais estudo e experiencia não pôde servir de norma á um estro que alvorece, á uma inspiração que apenas desabrocha.

Quando as illusões são vivas, as crenças ardentes, a alma ainda não maculada pelo pó dos realismos, pretenciosa e impropria seria a escola social :

Não existem nem podem existir, então, arrojadas methaphoras, lancinantes satanismos, pungentes ironias ; porquanto a inspiração nessa época da vida só se eleva nas azas dos placidos *Devaneios*.

S. Paulo, 3 de Outubro de 1876.

Affonso Celso Junior.



NOTAS

PREFACIO

Um dos talentos mais robustos e illustrados da actual Academia de S. Paulo, o Illm. Sr. Bacharel Carlos França, graciosamente se havia incumbido de escrever um prefacio Para este insignificante trabalho.

Em muito nos penhorára semelhante offerecimento, que, allém de subida honra, emprestava ao nosso livro titulos para despertar a attenção do publico, dando-lhe assumpto digno de leitura.

Infelizmente, porem, quando iamos reclamar satisfação desse compromisso, foi-nos communicado já se acharem impressas as primeiras paginas do opusculo, não permittindo assim a inserção do prefacio.

Grande foi o nosso sentimento que o leitor devidamente aquilatará.

Mas como o obsequio do Sr. Carlos França deixou de realisar-se por circumstancias imprevistas, consideramol-o como feito e enviamos ao intelligente academico sinceros votos de agradecimento.

PRIMEIRA PARTE



DEVANEIOS

Dos momentos sombrios de tristeza,
Quando afflictos me tremem d'alma os seios
E vaga o meu pensar pela incerteza,
— Leve barca no mar dos *devaneios*,

Quando rolam silentes dos meus ciliõs
Os prantos agri-doces dos anceios,
— Eu componho uns cantares, uns idylhos,
— Filhos tristes dos tristes *devaneios*.

São esses que ahi vão. Pallidas flôres
Nascidas no vergel de meus receios,
Não exhalam perfumes, nem olôres
Os pobres versos meus! os *Devaneios*!



Vós todos que nutris almos anhellos
Nos sonhos irreaes de encantos cheios,
Que viveis á formar lindos castellos
No doirado paiz dos *devaneios*,

Que chorais si na treda soledade
Das aves escutais ternos gorgeios,
E que amais os aromas da saudade,
Lêde, lêde, meus pobres *Devaneios*.

Sonhadores de vívos sentimentos,
Amantes da utopia — percorrei-os
Só vós entenderéis meus pensamentos
Só vós entenderéis meus *Devaneios*.

São rimas sem valor: estro nascente
Produziu-os sem formas nem torneios,
Mas foi o coração — elle somente
Quem dictou-me os humildes *Devaneios*.



MÃE

A MAGALHÃES CASTRO

I

MINH'alma quando pensa
Na vida attribulada,
Na chamma acerba, intensa
Da lucta amargurada,

E vê a luz da crença
De nuvens circumdada,
Morrer na treva densa
Da magoa desvairada,

Delira e desespera
Sem ar, sem luz, sem norte
Mais triste do que Job :

Só nutre uma chimera
— Que a mão da negra morte
Transforme tudo em pó!.

II

Mas logo um doce effluvio
Meu ser inteiro invade :
Socega a tempestade
Se apaga o meu Vesuvio ;

Termina a escuridade
Que foge n'um defluvio
E eu nado n'um deluvio
De grata claridade!

Então tudo serena :
Resurge a estrella amena
N'um céu azul sem fim :

— E' ella a mãe cuidosa
Que reza fervorosa
Pedindo á Deus por mim!

III

Nas azas da lembrança
Me vem seu pensamento :
Transmitte-me a esperança
M'infunde o brando alento!

Então nesse momento
Que crença pura e mansa!
Que meigo sentimento
Que paz e que bonança!

E nossas duas almas
Sandosas, porém calmas
E unidas na oração,

Em myetico abandono
Se prostram junto no throno
Do Deus da Creação!

IV

Depois . . . a nossa lida
De novo recomeça:
Da crença na promessa
Repousa a incerta vida,

E a prece que não cessa
De ser reproduzida
Me deixa luz querida
No seio d'alma, impressa!..

Então choro sósinho
Por ella que distante
No seu contente lar,

Não sabe do carinho
Que em preito delirante
Minh'alma lhe quer dar!

V

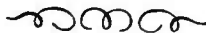
Mas breve, em curtos dias
Oh céus! posso abraçar-a
E ouvir-lhe a doce falla:
Que sanctas alegrias!

Fugi melancolias
Que o riso me avassala,
Vesti roupas de galla
Serenas phantasias.

Depois de longa ausencia
Ditosos nos veremos!
— Folgai anceios meus! —

— E em terna confidencia
Contentes resaremos
Orando ao Santo Deus!..

Setembro — 1876.



DOLCE PENA



AGAR pelos negrumes,
Das eras perpassadas,
Soltando mil queixumes
Por crenças desfolhadas :

Revêr os roseos lumes
Das idas alvoradas ;
Sorver brandos perfumes
De flores já crestadas ;

E muitas vezes triste
Prender o pensamento
Dos mortos na cidade...

Eis tudo em que consiste
O meigo sentimento
Que chama-se — a saudade!...



ANJO DO LAR

CONHEÇO um anjo bom de loiras tranças,
Formoso como os brilhos da manhã,
Que sempre me apontava as esperanças
Da existencia no meio das provanças
E era minha irman.

Quando eu tinha cruel melancolia
Pensando nesta vida falsa e van,
Ao pobre peito meu sem alegria
Confortos joviaes trazer podia
Sómente minha irman.

Si minh'alma pensava scismadora
Nas dubias incertezas do amanha
Quem é que me guiava seductora,
Como fulgente estrella conductora,
Quem era? Minha irman!

Poisava em minha fronte entristecida
Seus labios côr dos bagos da roman,
E dizia: Que dôr te afflige a vida?
Sorri-te si não queres que sentida
Soluçe a tua irman...

E sumiam-se logo os meus pezares,
Minh'alma revivia boa e san
Aos raios divinaes desses olhares,
A' voz da Margarida de meus lares
A' voz de minha irman..

Modulavam meus labios doces hymnos
Quando eu via á sorrir leda e louçan
A flor mimosa dos jardins divinos,
A creança de encantos peregrinos
A minha loira irman!...

Quando olhava seu rosto feiticeiro
Trahindo-lhe as virtudes de christan,
Com orgulho sincero e verdadeiro
Contente eu me sorria prasenteiro
Por ter tão bôa irman!....

Mais doce do que o mel dos céus mandado
Para os filhos de Deus em Chanaan,
Era o beijo de amôr e casto agrado
Que eu dava nesse rosto assetinado
De minha linda irman!

Em terras de meus lares tão distantes
Contra o mal tenho sempre um talisman
Nas lembranças perennes e constantes,
Nas scismas de saudade palpitantes
Que voto á minha irman!

Conserve-a pois o céu. Si um dia á meta
Dos sonhos attingir meu rude affan,
Descançando em seu collo a fronte inquieta
Depôrei minhas palmas de poeta
Aos pés de minha irman!.

Junho — 1876.



SCENA DA ROÇA

A frente vae seguindo a mula ornamentada
Que serve de madrinha ao lote do tropeiro
E este mais atraz na besta jaezada
Dirige toda tropa e falla sobranceiro.

Apressa a cavalgada o passo dianteiro
Levantando em bulções o pó da bronca estrada,
Quando subito assoma em frente do balseiro
O vulto de uma cruz sinistra e abandonada.

Ao vel-a se descobre o rude caminhante,
Faz andar a tropilha, apeia-se e sosinho
Dirige-se ao balseido humilde e commovido,

Mormurando orações de fórmula extravagante
Vae um seixo apanhar ao longo do caminho
E depõe-no ao pedal do lenho enegrecido!

Outubro — 1876.



CONSTANCIA

QUANDO morreu seu noivo Alice em prantos
Pela vida sentindo só desdem,
Olvidou deste mundo os mil encantos
E quiz morrer tambem!

Tendo n'alma profundo desalento
Saudade e nuvens negras de pezar,
Dia e noite com vivo sentimento
Chorava sem cessar.

Mas volvendo-se o tempo no seu rosto
Novamente o prazer appareceu,
Findou-se pouco a pouco seu desgosto
Seccou-se o pranto seu.

Alguns annos mais tarde Alice um dia
Visitando dos mortos a mansão,
Viu a campa do noivo erguida e fria
Na triste solidão.

Brotara junto á lousa flôr singela
Que todos desdenhavam de colher...
Nascera em cemiterio... Pobre della
Devia ali morrer!

Alice olhou-a terna e caridosa,
Lembrou-se sem chorar do antigo amôr,
Vacillou indeciza... e receioza
Não quiz colher a flôr!

Junho — 1876.



REVÉRIE

Eu tenho aureas riquezas,
Palacios encantados,
De sedas tapizados,
Suberbos de bellezas.

São todos habitados
Por fadas e princezas
Que banem-me as tristezas
Me dando seus agrados...

E desses regios paços
Sabeis quem deu-me o imperio,
Quem deu-me a sultania?

— A deusa que nos braços
Me leva ao mundo ethereo.
Seu nome é — phantasia!

Agosto — 1876.



Q VELHO

CONHECIA os segredos desta vida,
Tinha amena expansão nos risos francos;
Na orgulhosa cabeça encanecida
Deixara o tempo seus vestígios brancos!

Levemente encurvara o nobre vulto
Da existencia ante as magoas e os pezares :
Via-se o fogo d'um ardor occulto
Na fervente expressão de seus olhares.

Contava que jámais na vida inteira
Sentidos prantos derramado havia,
Conservara attitude sobranceira
No meio da desgraça e d'agonia.

Quer brilhasse o sant'elmo da ventura
Quer da desdita soluçasse o vento,
O velho tinha a mesma compostura
Não mostrava mais vivo sentimento.

Mas no dia em que a filha carinhosa
Levou-o junto ao berço do filhinho
Trahiu seu rosto uma expressão ditôza
D'ineffavel prazer e de carinho :

Contemplando as feições e a fôrma rara
Do neto que em socego dormitava :
— O velho rijo que jámais chorara
Convulsivo tremia e soluçava !.

Outubro — 1876.



A ESMOLA

QUANDO eu era pequeno ao ir á escola
Passava pela casa de um coitado,
Que jazia n'um leito abandonado
Só tendo por auxilio exigua esmola!

Ia sempre depôr n'uma saccola
Que o triste conservava junto ao lado
Um presente mesquinho porém dado
Com a crença singela que consola.

Mas um dia encontrei seu quarto ermo,
E chorando indaguei com voz dolente
Porque vazio estava o pobre lar :

Alguem me respondeu : „ o velho enfermo
Podia tanta esmola á toda gente
Que emfim, — Deus fez-lhe a esmola de o chamar.



AVÓ

ELLA tinha nas faces a velhice,
No rosto uma expressão de eterno agrado,
Nas éras que lá vão da meninice
Me contava as legendas do passado!

Um dia me fallando com meiguice
No longinquo futuro enevoadado,
„ Nos tempos que hão de vir, ella me disse,
Só por vós, filhos meus, tenho cuidado.“

E certo eramos nós sua esperança,
Seu viver, seu pensar, sua alegria
Nesta vida terrestre tão veloz.

Por isso agora que no céu descança
Não devemos temer a romaria
Que ella vive a velar por sobre nós!

A PTHYSICA

Da coitada o existir chegava ao termo
Nascia a noite, descambava o dia,
Mas a triste o rigor do estado enfermo
Nem siquer suspeitosa apercebia!

Creança que caminha sem cuidado
Não olhando o sarçal infenso e rude,
Não via o trilho; tinha o olhar fitado
Nas estrellas do céu da juventude.

Parada nos humbraes da sepultura
Da esperança ostentava o misticismo:
— Rosa que vae abrir-se bella e pura
E resvala entretanto em negro abysmo.

E dizia: „oh eu quero as lindas festas
Do baile ameno as delirantes dansas.

Para longe fugí sombras funestas
Que minh'alma transborda d'esperanças.

„ Certamente amanhã nada mais tenho
Desta leve molestia dolorida,
Então contente em fervoroso empenho
Fruirei as delicias desta vida “

Coitada! N'outro dia a mão da morte
As cortinas correu-lhe do existir:
Na hora extrema de agonia forte,
Fallava ainda de mais leda sorte
De futuro, esperanças e porvir!

Setembro — 1876.



AS ORAÇÕES

QUANTO'RA minha Mãe as rezas me ensinava
Fazendo-me aprender extensas orações,
No collo me retinha e meiga me fallava
Dos anjos lá do céu, de suas perfeições.

Então eu lhe dizia : „ oh Mãe porque me ensinas
Tão longas orações que fazes decorar,
As preces usuaes que sanctas denominas
Em vão quero entender, não posso apreciar “

E ella me volvia: em breve, em curtos annos
Das rezas o sentido, oh filho, saberás,
— Bem cedo se conhece o mundo e seus enganos,
As preces que ensinei então attenderás!

Correu veloz o tempo : agora se na vida
Das magoas e afflicções me envolve o negro véu,
Eu acho tão sómente allivio á dôr sentida
Nos rogos que dirijo ao Deus que habita o céu !

Por isso digo sempre : oh Mãe sejas bemdita,
Porquanto me ensinando orar ao sancto Deus,
Pozeste na minh'alma origem infinita
De alento perennal e allivio aos prantos meus !

Julho — 1876.

~llll~

A MISSA

Ao altar o sacerdote mesto e grave,
Do missal as paragens percorria,
E um murmúrio de branda melodia
Suspirava do templo pela nave.

Derramavam os cirios luz suave
Que dava aos corações melancolia ;
E a turba ia dizendo : Ave Maria
Virgem - Mãe do Senhor tres vezes ave !..

Subiam para o ar nuvens d'incenso ;
Qual o extremo aneiar de moribundo
Do órgão soluçava um ai extenso.

Nos olhares se lia amor profundo,
E todos a rezar no enlevo immenso
Longe estavam das magoas deste mundo.



INNOCENCIA



ERTIA o pobre infante pranto infindo,
Trajando da orphandade as negras vestes,
Quando a Mãe no caixão ia partindo
Para a fria morada dos cyprestes.

Sozinho á soluçar, d'uma janella
Via aquelle apparatus mortuario,
Dos carros que seguiam atraz della
Formando-lhe o cortejo funerario.

Cheguei-me e perguntei-lhe commovido
Porque tão tristemente assim chorava
Si entendia esse golpe dolorido
Que tão cedo a existencia lhe enlutava.

Respondeu-me estendendo as mãos afflictas :
„ Que festa curiosa, oh meu amigo,
Minha mãe vae vêr cousas tão bonitas
— E não quiz me levar junto comsigo “

Agosto — 1876.



NA FAZENDA


DORME ainda a fazenda : ao longo da varanda
Repousa o boiadeiro em couros estendidos ;
Desponta no horizonte aurora froixa e branda
No meio do terreiro um cão solta ganidos !

Mas nisso derepente escutam-se alaridos
D'um sino que desperta estruge a voz nefanda ;
Começam a soar conversas e ballidos
E a ordem de rigor que rude aos negros manda !

Chegou o começar das lides e trabalhos
Resoam do feitor os brados e os ralhos :
A boiada desfila á porta do curral

Os pretos esfregando os olhos somnolentos
Levando samburás lá vão á passos lentos
Da porta da senzalla ao denso cafezal !

Outubro — 1876.



A MOÇA QUE NÃO RIA

SEMPRE a viram rir. Na fronte sua
Pairava eternamente a morbidez,
Quer fosse dia, quer brilhasse a lua
Sempre estava embebida na tristeza.

Zombavam todos della : appellidavam
O desgosto fatal que a perseguia
De tolos romantismos e mofavam
Da moça triste que jámais sorria.

Ella á tudo escutava socegada
Sem fazer de desgostos um movimento,
Respondia aos gracejos delicada
Fitando o meigo olhar no firmamento.

Mas um dia houve grande novidade
Que fez espanto d'alvorço infindo ;
A joven que não tinha mocidade
Despertara cantando e rindo. rindo...

Accudiu a familia ao rir vibrante
De longa entonação, soturna e rouca,
Mas viu um quadro de pavôr tocante ;
— A moça que não ria estava louca!!

Agosto — 1876.



•

ROSA

ROSA colhia sosinha
Lindas rosas no jardim,
E nas faces tambem tinha
Rozas da côr do carmim.

Cheguei-me e disse-lhe : Rosa
Qual dessas rosas me dás ?
As da face primorosa
Ou essas que unindo estás ?

Ella fitou-me sorrindo,
Inda mais enrubeceu,
Depois ligeira fugindo
De longe me respondeu :

„ Não dou-te as rosas das faces
Nem estas que tenho á mão.
Daria — si me estimasses
As rosas do coração! “

Setembro — 1876.



CANDIDEZ

Do oratorio no limbo claro-escuro
Sosinhos dois infantes conversavam
E um Christo respeitoso contemplavam
Que pendia suspenso ao velho muro.

Dizia o mais pequeno com surpresa :
„ Na face de Jesus que acerbas dôres.
Me conta meu irmão que dissabôres
Assim ao Pae do Céu causam tristeza.

Reflectiu o mais velho alguns momentos,
De profundo scismar no enleio brando,
Após isso volveu, o olhar passeiando
Do Christo pelos traços macilentos :

„ Não te lembras?... A Mãe nos disse ha dias
Que fazemos immensas travessuras..
— Pois de certo d'ahi vem as torturas
Que produzem do triste as agonias.“

Soluçando fitaram-se os coitados
Parecendo soffrer pezar immenso,
No acerado pungir de ardor intenso
Tinham n'alma o remorso dos culpados!

Mas instantes após lia-se um mixto
De esperança e de enlevos luminosos
No somno dos *dois grandes criminosos*
Que faziam chorar ao doce Christo!

Outubro — 1876.



IRMANS

DLHAI que linda scena
Que quadro encantador ;
— Diviso uma açucena
Nas mãos de uma outra flôr

Rivaes na vida amena
No viço e no frescor,
Tem ambas côr serena,
Tem ambas puro alvor !

Mas uma só germina,
No prado — junto á rosa
Na veiga entre os jasmims ;

E a outra. E's tu menina
Que brincas descuidosa
Da infancia nos jardins !



REALISMOS

HORAS DE SPLEEN

I

De sei que seu olhar possui veneno
Que mata com terrível fingimento,
Não ao corpo mesquinho, vil, pequeno
Mas ao filho da luz — ao pensamento!

Que em seu peito não brilha um sentimento
Nem desbrocha sequer um lyrío ameno,
Que contente vivera sem lamento
Lá nos torpes harens de um serraceno!

Que su'alma traz sempre um véu escuro
Mais negro e mais sombrio do que o manto
Que envolve da Calabria ao salteador!

E.. sem pena os laureis de meu futuro
Sorrindo dar-lhe-hia no entretanto
Si apontar-lhe pudesse a luz do amor!

II

Polluta... mas qu'importa? as fórmas de I hrynéa
Possuem um condão que prende e que arrebatá...
Vacilla, palledeja a luz da clara idéa
Perante o seu primor que attrahe.. captiva.. e mata.

Polluta.. sim que importa? a humilde Traviata
De corrupta se torna altiva semi-dea
Quando a chamma do amor, fortissima, insensata
Dá vida á gelidez da fria Galateia!

Quem sabe aquelle peito encerra a luz amena,
Do puro sentimento a flôr sempre mimosa
Que á mingoa de orvallhada expira em embryão?..

— Quero, pois, revivel-a e á bella Magdalena
No fogo que me abraza a mente desejosa
Fazer ressuscitar o morto coração!

III

Nos seus doirados sonhos de menina
No seu grato scismar de juventude
Jámais irradiante e peregrina
A imagem lhe apparece da virtude!

O funesto fanal que lhe illumina
Tem um brilho fallaz que muito illude
E talvez do ideal de Messalina
Constante lhe persiga o imperio rude!

Brilhante que cahiu no immundo lodo,
Luzeiro que cercou-se de negrumes,
Deidade que vacilla sem altar :

Seu antigo fulgor voltara todo
Se avivasse no peito os debeis lumes
Desse fogo irreal que faz amar!

IV

Não ! embora de luz se inunde escuro peito,
Embora o coração palpite bonançoso,
Perante luz mais viva e brilho mais perfeito
Se cala a debil voz do brado generoso.

O sol que civilisa extingue o preconceito
Bannindo para sempre o disco tenebroso :
Mas conserva-se ainda e faz bem triste effeito
Um ponto de negror no quadro esplenduroso !

Tens razão sociedade : altares á virtude
Desprezo e menoscabo ao limbo infenso e rude
Onde a flôr da desgraça expande effluvios seus !

Popeas que gozaes dos luxos lá da Asia,
Corinas divinaes, visões da bella Aspasia
Vosso fado é viver — sem ar, sem luz, sem Deus !

Outubro — 1876.



O Anjo do lar

Julgavamos com toda a boa fé que a composição com o titulo acima, (pag. 10) fosse completamente original.

Mas, ao lermos ha dias — *As Primeiras Estrophes* —, precioso folheto com que o Sr. José Avila de Miranda Ozorio conquistou o titulo de verdadeiro poeta, encontramos a poesia— *Nossa írman*, que encerra uma idéa semelhante.

Ao joven escriptor pedimos desculpa pela inserção do — *Anjo do lar*, que jámais poderá hombreiar com a sua mimosa producção.

Darkness

A poesia assim intitulada (pag. 49) foi composta em S. Paulo no começo do anno passado.

Bem como ao *Anjo do lar*, acreditavamos que fosse perfeitamente original.

Porém, n'um jornal francez, vimos ha mezes algumas estrophes que trazem idéa analoga e assumpto quasi identico.

Que não nos acoimem de plagiario, attenta a differença de datas.

Fazemos esta declaração porque consideramos o plagiato como falta gravissima e inconsciencia imperdoavel.

Preferimos produzir pouco e rastejar na obscuridade á cingir a frente com os louros roubados á alheias glorias.



ENGANO

Á **BITTA** DE **CASTRO**



VIA n'um leito estendida
Serena e calma á dormir,
De brancas roupas vestida
E tristemente a sorrir.

Tinha as mãos postas ao peito
N'uma attitude gentil,
Como si em sancto respeito
Rezasse prece infantil.

Seu pensamento inconstante
Bem ledas scismas talvez
Agitavam nesse instante
Dos sonhos na languidez.

Grinalda de niveas rosas
Prendia os cabellos seus,
Mas nas faces primorosas
Que pallidez—Sancto Deus !

De uma doçura infinita
Tinha na fronte o fulgor ;
Como ella estava bonita !..
Que quadro tão seductor !..

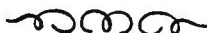
.....

Mas este somno profundo
Jámais devia findar...
Seus sonhos—aquí no mundo
Quem os pudera contar?!

De noiva estava trajada,
—Era um sudario o seu véo.
Sorria tão socegada
Mas... era aos anjos do céo !

Dormia. De grata sorte
Talvez gozando a illusão ;
Mas o seu somno era—morte
Seu leito frio—um caixão !.

Maio — 1876.





Luz que cegou scintillando esquivã,
Flor que expande os effluvios da desdita,
— Tens a belleza magica — infinita
? Que me prende...me arrasta—e me captiva...

Lyrio funesto de primôr estranho,
Cujõ aroma exquesito m'inebria,
Quem te deu o condão que me extasia?..
Quem foi que deu-te esse poder tamanho?

Serás a virgem — morta que se entrega,
Nas noites lindas que o luar realça.
Aos gyros loucos de uma infrene walsa
Nos vallados da fria Noruega?.

Serás um Mephistopheles moderno
 Que procura faminto um holocausto
 E deseja levar-me, novo Fausto,
 Para os tormentos de um supplicio eterno?..

Serás o genio máo que á horas mortas,
 Quando tudo é silencio no retiro,
 Assassina nos beijos de vampiro
 Vencendo o estorvo das fechadas portas?..

Serás?.. mas oh! qu'importa? aos teus olhares
 Minh'alma triste que por ti padece,
 Toda inteira se agita e estremece
 Como presa de fluidos singulares!.

A larva da paixão já me consome,
 Sei que teu brilho apontará o abysmo...
 Mas qu'importa? Do ardor no paroxismo
 Hei de segui-o a repetir teu nome.

Como a rola mimosa que suspira
 O mesmo canto do viver ditoso,
 Quando á margem do rio marulhoso
 Abre as azas. convulsa... e após expira,

Assim, esta minh'alma delirante
 Que sómente por ti foge da vida,
 Ha de dar-te canção agradecida
 Quando soar-lhe o derradeiro instante!!...

Novembro — 1876.



SEGUNDA PARTE

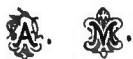



A, * * *

Dou-te estas flôres; desbrocharam tantas
Nas alvoradas de uns sorrisos teus!...

Ezequiel Freire.

DARKNESS



EU Deus bem negro fado
Sem duvida seria,
— Por morto ser tomado
Alguem qu'inda vivia;

Sentindo-se gelado
De susto e d'agonia
No feretro encerrado
Baixar á campa fria!...

Mas oh! inda é mais triste
(Porém eu sou altivo
Não peço compaixão...)

— Sentir que o corpo existe
Mas é sepulchro vivo
De um morto coração!.

Abril — 1876.



MINIATURA

A' CARLOS FRANÇA

S'UM divan *ella* estava reclinada,
E toda entregue á tropical molleza
A cabeça apoiava com tristeza
No setim côr de rosa d'almofada.

Ao lado na poltrona elle se achava
Guardando respeitosa compostura:
D'um romance fazia-lhe a leitura
Que, por vezes sorrindo, ella escutava.

Da janella a entre-aberta pèrsiana
De luz deixava entrar um tenue raio
Que ia tremendo em irreal desmaio
Brincar no adamascado da ottomana.

Avançava a leitura e ella ouvia
No chão roçando com o pé fremente,
Quando ouviu-se o ruído de repente
D'uma cousa pequena que cahia.

Era a liga da moça embevecida
Que desprendendo seu gentil colchete
Cahira e resvalara no tapete
Sendo logo do moço apercebida.

Sem deter-se elle foi seguindo o enleio
Que no rosto da joven desenhou-se
E a nuvem de rubor que ás faces trouxe
Da pudicicia o virginal receio.

Por deferencia á que o recato obriga
A moça inda escutou alguns momentos,
Reprimindo os confusos movimentos
Não ousando siquer fitar a liga.

Porém elle apanhou-a n'um relance
Sorrindo deu-a á bella vergonhosa
Murmurando com voz maliciosa :
„ *Morbleu! — honny soit qui mal y pense!*

Outubro — 1876.



NO TEMPLO

FUE linda estavas tu hontem na missa
Tremendo no fervor da devoção,
Com os olhos nadando em morbidez
E dizendo baixinho uma oração!

Eu queria rezar e não rezava,
Desejava pensar sómente em Deus ;
Mas minh'alma na prece não se erguia
Pois prendida se achava aos olhos teus.

Quando o padre elevando a hostia sancta
Fez da campã soar a melodia,
Levei a mão ao peito e tremi todo
Sentindo o coração como batia.

E todos nesse instante dentro d'alma
Tinham crença ideal que as preces davam,
Só á mim que fitava-te constante
Profanos pensamentos agitavam!

Mas ah! não foi peccado, não foi crime
Na missa te fitar como fitei :
— Na igreja só se pensa em Deus... nos anjos
Por isso em ti pensando eu não pequei!

Maio — 1876.



§ADNESS

Um fundo sentimento,
Constante a dominar,
Me occupa o pensamento
De modo singular.

No tredo isolamento
Dos ermos e no lar,
Não deixa-me um momento
Me segue sem parar

E faz-me verter pranto
Mas brando, sem dureza
Nem travos d'ironia..

O nome seu, portanto,
Não é. não é tristeza
Mas sim — melancolia!

Abril — 1876.



MODERNICES

TEUS grandes olhos escuros,
Menina dos meus cuidados,
Me rasgam largos futuros,
Me apontam sonhos doirados!

„ Em minh'alma vivem flores
Que existem sem ter valia,
Pois não conhecem as côres
Dos brilhos de um claro dia.

„ Jazem todas nos negrumes
Da noite das afflicções,
Soltando fracos perfumes
Que fogem nas virações.

„ E como as meigas boninas
As flores d'alma tambem,
Vegetam tristes, mofinas
Si affagos de um sol não tem!

„ Mas a luz de teus olhares
Torna essas flôres gentis,
Rompe-me o véu dos pezares
E ás tristes manda o matiz!

„ Portanto teus olhos puros
Nos meus tem sempre fitados
Oh! guia de meus futuros,
Menina dos meus cuidados!

—

— Ella escutou-me calada
Todo o plangente lyrismo,
Mas no fim deu gargalhada
Do mais fiel satanismo.

Depois no olhar, sem detença
Fez rindo.. sabeis o que?...
— Velou-o na nuvem densa
Dos vidros de um *pince-nez*!!

Agosto — 1876.



A ANTONIO PEDRO

*(Poesia recitada no theatro S. Jose a 5 de
Outubro de 1876).*

EIS o artistico ideal que ha tanta eu alentara :
Meu sonho vaporoso agora resplendece
E torna-se real a imagem pura e rara
Que entre arroubos formei: minh'alma a reconhece.

E' elle ! O genio immenso a gloria lhe prepara,
Da arte sublimada o arcano lhe esclarece
E a deusa que deu crença ao bardo de Ferrara
Lhe manda inspirações se acaso elle esmorece !

Artista! me apontaste um mundo de esplendores,
Desbrochaste em meu peito um novo sentimento,
Do bello me apontaste o nobre e justo apreço :

A's visões do poeta encheste de fulgores :
Lhes dando fórma e gesto e vida e movimento.
Prometheu te saudo—oh! genio eu te agradeço !





LAMPARINA



U amo a luz serena
Da meiga lamparina
Que brilha pequenina
Com vivo scintillar;
Velando tão sosinha
N'alcova socegada
Qual guarda da morada,
Qual anjo tutelar.

A luz deslumbradora
Dos lustres fascinantes
Só dura por instantes
Não custa a se extinguir;

Mas vêde — a lamparina,
Mimosa e tão singela,
Constante sempre véla,
Não deixa de luzir !

Sómente quando surge
No ceu a madrugada
Da meiga luz dourada
Findando-se a missão,
— Despede um raio intenso,
Parece que delira,
Soluça. arqueja.. expira
Com vivido clarão !

Meu Deus quantos mysterios
Não sabe essa luz triste,
Que scenas não assiste
Podendo a todas vêr ? !
Porem nada revela,
Discreta, confidente,
A' tudo vê — silente
Contempla sem dizer !

Da virgem descuidosa,
Prostrada pelo somno,
Que dorme em abandono,
Jazendo em languidez,

Escuta os mil segredos
Dos sonhos indiscretos,
Conhece os seus affectos
Mas guarda-os em mudez!

Da luz aos raios froixos
As fórmãs primorosas
Parecem mais formosas,
São quasi divinaes:
As faces tem mais côres,
Os olhos tem mais lumes
As tranças mais perfumes,
Encantam muito mais!

Eu amo a luz serena
Da meiga lamparina
Que véla peregrina
Nas noites lá do harém;
Que assiste á tantas scenas..
Contempla tudo quieta
E apóz... muda e discreta
Não conta-as á ninguem!

Junho — 1876.



A LOCOMOTIVA

AGUAR biavio que fugir procura,
Galopando em carreira ardente e viva,
— Do matto espesso pela trilha escura
Vae correndo a veloz locomotiva :

A' espaços estremece convulsiva ;
N'um lampejo fugaz então fulgura,
E a fumaça do arfar—envia, altiva,
Juntar-se ás nuvens d'azulada altura.

Ruje por vezes com a voz rouquenha
Que faz á onça estremecer de medo
Na furna que lhe serve de guarida :

Responde ao longe a retumbante brenha,
E a boiada que pasta no varzedo
Pelos campos dispara espavorida !

Outubro — 1876.



DELIRIO

SER o dono dos dois negros brilhantes
Que se engastam no marmor de *seu* rosto
E os goivos olvidar do meu desgosto
Vendo a flor dos *seus* labios palpitantes.

Pagar-lhe doidamente o meigo imposto
Que se deve aos anceios delirantes,
E prender-me nos elos ondulantes
Do seu cabelo em desalinho posto,

Vestil-a de uma clamyde de beijos...
— Seria o eterno fim dos meus desejos
O bem supremo que meu ser anhella!

Oh! Si fossem reaes meus sonhos vagos
Ia matal-a em delirar de affagos,
E após.. morria de saudades della!...

Setembro — 1876.



VOZES INTIMAS

I

A hora da partida,
N'aquelle dia infausto,
Chorava commovida,
Me unia ao peito exausto!

Dissereis Margarida
Gemendo ao pé de Fausto
E a victima esquecida
Depois d'um holocausto!

E agora.... delirante
Padeço qual o Dante
E ella folga e ri....

Tão longe, doce Christo,
Nem sabe si eu existo
Nem sabe si eu morri!.

II

Quando assim me persegue um negro pèzadelo
Nas trevas de minh'alma agitam-se uns desejos
E louco eu almejára, insano, ardendo em zelo,
Crestar-lhe a flor da vida ao fogo... de meus beijos!

Depois... triste medito e fria como o gelo
Minh'alma vai perdendo os lividos lampejos,
De gelado suor se molha o meu cabello
E surgem do remorso os funebres cortejos!

Então não mais invejo o tredo Lovelace :
Da magoa que dementa o archanjo me abandona
E della me apparece a imagem peregrina.

Silentes vão correndo os prantos pela face
E ajoelhar-me quizera aos pés desta Madona
Bem como Raphael aos pés da Fornarina!.

III

Qu'importa linda ingrata
A magoa que me opprime,
Si o riso te arrebatá
N'um extasis sublime?

Do mal que aneia e mata
Qu'importa o acerbo crime?...
— Minh'alma é timorata
Seus transes não exprime.

Oh pallida Francesca
Na vida romanesca
Te guie Jehovah.

Agora não reflecte:
Serás a Deruchette
Serei teu Gilliat!

IV

Não Hermengarda! huri dos meus fervores,
Feiticeira visão que tanto enlevas:

— E' triste vêr-se o dia e seus fulgores
E após cercar-se das mais densas trevas!

Despe o manto fallaz d'infidas Evas,
Vem de minh'alma cultivar as flores,
Feliz tu viverás eras longóvas
No mimoso vergel de meus amores.

Quero sonhar á luz dos teus olhares,
M'inebriar no olor de tuas tranças
Solettrar a ventura em teu sorrir!

Das incertezas nos furentes mares
Voga o batel de minhas esperanças:
— Dá-lhe um raio de luz para seguir!

V

Sim! um raio de luz! os devaneios
Que minh'alma de moço vai formando,
Carecem no caminho dos receios
D'um amigo fanal que os vá guiando...

Qu'importa os sonhos de attractivos cheios,
Que vale a crença de aspirar mais brando,
Si á tamanho almejar e á taes anceios
Não responde uma estrella scintillando?.

Luz. eu quero mais luz, Goethe dizia,
Na hora derradeira de agonia
Vendo o sol da existencia descambar!

Tão alto desejar eu não alento:
— Quero pouco, bem pouco e me contento
Com a luz que scintilla em teu olhar!

VI

Si o brilho esplenduroso
Um dia despontasse
E o sonho vaporoso
Verdade se tornasse.

Talvez que bem fugace,
No céu azul do gozo,
Risonho me brilhasse
Da gloria o sol formoso...

Talvez... mas as tristezas
De horrivel anciãdade
Produzem morbidez

Pergunto — e as incertezas
Com trega crueldade
Só dizem-me — talvez !!.

VII

Oh Ceus! quantos mysterios
Se occultam n'um talvez....
— Vergeis e cemiterios
Sorriso e hediondez!

Dos meus sonhos ethereos
Na grata languidez,
Não soffre esses imperios
A rispida avidiez!

Oh virgem de Murillo
Quizera dar-te os lyrios
De minha primavera,

E o deslisar tranquillo
Da vida sem martyrios
Quizera.. oh sim! quizera....

VIII

Quizera, oh Beatriz, contar-te que segredos
Se occultam do viver na longa romaria,
Sobre ti desfolhar as rosas d'alegria
Quando aos labios surgir-me o riso dos folgedos !

Por noites de luar as trilhas da floresta
Comtigo percorrer, envolto em grata scisma,
Só vendo da existencia as flores pelo prisma
Que doirado nos mostra o brilho, o canto e a festa !

Depois, sonhando sempre, erguer lindos castellos
No longinquo paiz de aerios devaneios,
E chorando apontar-te as nuvens de receios
Que turbam do poeta os timidos anhellos !

Quizera me algemar no élo de teus braços,
Nos lindos olhos teus cravar os meus olhares
Dizendo : que m'importa a vida e seus pezares
Si tenho quem me guie os vacillantes passos ?

Quizera te cercar d'um mundo de cuidados,
Depôr em teu caminho os lyrios dos affagos,
Enflorar-te a existencia e dar-te os sonhos vagos
Que formam os vergeis dos paços encantados.

Eu quizera. eu quizera e tanta gentileza
Real se tornaria, oh languida menina,
Se vogasses comigo em gondola divina
Pelas vagas do amor, do gozo na Veneza!.

Setembro — 1876.



O NOSSO PAE

DA modesta matriz na velha torre esguia
Resoam tristemente uns toques agoirentos:
Perante o pobre altar da escura sacristia
O vigario se inclina e enverga os paramentos.

O toque continua e após alguns momentos
De extensa procissão se agrupa a confraria:
Niveas tochas levando o povo á passos lentos
Caminha atraz do pallio em sancta romaria.

Modula a multidão monotonas toadas
Cujo som se elevando aos poucos, gravemente
Nas quebradas da serra, — além perder-se vae!

Da triste campainha ás longas badalladas
Prosegue a procissão: ao vel-a toda a gente
Se ajoelha murmurando: é elle! é o Nosso Pae!



DIVA

QUANDO vejo-a no templo orando com tristeza,
Contemplo a meditar
Seu rosto peregrino e os toques de belleza
Da sancta lá do altar.

Então, na scisma insana, em uma só confundo
Essas duas visões :
A' um tempo á ella e á sancta em extasis profundo
Dirijo as orações.

Meu triste pensamento, unguido de respeito,
Tem crença no porvir
E a vaga de prazer que róla no meu peito
Se espraia n'um sorrir.

E' que bondosa e meiga a virgem que contemplo
Sancta e pura é tambem :
— Nos olhares um ceu e na minha alma um templo
Como a outra ella tem.

São iguaes na pureza e ambas tem mysterios
Na tristeza fatal :
Escutando talvez os sons vagos, ethereos,
D'um canto divinal.

Si a virgem lá do altar ao crente vae lembrando
Os poemas da cruz,
A outra na expressão do gesto ameno e brando
Nos recorda Jesus.

Uma, n'alma desbrocha a crença luminosa
D'infinito prazer;
A' mortos corações a outra, milagrosa,
De amor faz reviver.

Se aquella nos infunde o ardor divino e puro
Que supera o escarceu,
A outra faz scismar na gloria e no futuro
Nas venturas do ceu.

Minha crença, portanto, ás duas só deseja
Render o seu fervor :
— Dar preito verdadeiro á sancta lá da igreja
E á outra... o seu amor !



NOSTALGIA

A tua fronte linda,
Menina divinal,
Diviso magoa infinda
Pairando perennal...


„Mas diz-me : d'onde é vinda
Tristeza tão fatal
Si tua vida ainda
Sorri-se festival?.

„Que dôr, pois, te consome?
D'algum desejo ardente
Te envolve o negro véu?“

— Surpreza ella fitou-me,
Sorriu-se tristemente,
Depois mostrou-me o céu!



TRISTEZAS

UANDO voga o batel das esperanças
De minhas scismas pelas ondas mansas,
Serenos á deslizar,
E o sol da crença lhe doirando os mastros
Faz com que deixe luminosos rastros
Na lisa flôr do mar,

E a brisa da illusão lhe enfuna as vellas
Que são aspirações vivas e bellas,
De brancas á luzir,
E nos seus bordos rumorejam vagas
E elle busca attingir as longes plagas
Das crenças do porvir,

E servem de equipagem sonhos bellos.
Levando por bandeira dos anhellos
O fulgente pendão,

E é prôa cortadora a mocidade,
Leme o trabalho, bussola a verdade,
Piloto o coração,

Assoma ás vezes um pharol brilhante
Da gloria um raio fugitivo, errante
Que me guia e conduz ;
— Navega então a barca em mar seguro
Parecendo que as plagas do futuro
Se irradião de luz !

Que lindos brilhos ! Que illusões mimosas
Caminha o meu batel por mar de rosas
E por vagas de anil ;
Sopra banzeira a viração serena,
O sol projecta claridade amena
Na prôa senhoril !

Que quadro encantador ! Dos desvaneios
Os lindos bandos de attractivos cheios
Revoejam além ;
Da fama a esteira mais atraz scintilla :
O mar é calmo, a viração tranquilla
O céu calmo tambem !

Mas logo tudo muda : o mar se turva,
Se occulta o sol na tenebrosa curva
Que esconde tredos ais ;

Se enfumam té romper as brancas vellas
E soluça a nortada das procellas
 Dos desgostos fataes.

Tacteia a barca sem fanal, sem norte,
Tremeluz da descrença o raio forte
 Com estranho fulgor !
Palledeja o corisco das porfias,
Rebramem os trovões das agonias
 Com horrivel fragor.

Negrejam horizontes, céus e mares
Pois as trévas de magoa e dos pezares
 Accorrem em tropel ;
Se alteia o vagalhão dos desalentos
E no abysmo dos torvos pensamentos
 Sossobra o meu batel.

Agosto — 1876.



MYSTERIO

QUANDO as vezes descae-te a fronte pensativa
E vogas no batel da scisma feiticeira,
Ouvindo embevecida a voz da patativa
Que trina voejando em torno á laranjeira,

Tu'alma desatando o laço que a captiva
Deixa um pouco teu corpo — evola-se ligeira,
E no tempo em que estás immovel, semi-viva,
Divaga pelo espaço — errante aventureira :

Então bem como a luz que attrahe a mariposa,
A chamma da paixão faz vir teu pensamento
Que em roda de meu ser começa a volitar ;

E a tremedora voz de um peito que não ousa . . .
Murmura que te vota um vivo sentimento
Do qual depois te resta um vago recordar !.

Outubro — 1876.



IRONIAS

QUE paz e que ventura
No rosto se presente,
Que mystica doçura
Na fronte resplendente ;

Feliz o olhar fulgura
Serena e ledamente
E o labio só mumura
Canções de um'alma crente!...

Que calma e doce encanto!
Que efluvios de alegria
Que riso festival!..

E dentro no entretanto
(Meu Deus quanta ironia!)
Rebrame o vendaval.

Setembro -- 1876.



ELIA

A' DULCE

ELIA, a menina travessa,
Demonio em corpo de archanjo,
Cuja pequena cabeça,
— Onde fôr que ella appareça,
Quer pôr tudo em desarranjo,

Hontem chorava sentida
Sem a constante alegria :
Soluçava commovida,
Tendo a face humedecida
Pelo chorar de agonia,

Ao vel-a assim suspirosa
Fui perguntar-lhe sorrindo,

Que nuvem calamitosa
Turbára o céu côr de rosa
Do seu viver puro e lindo.

Olhou-me cheia de espanto
Mas me vendo attento ouvinte
Entre soluços e pranto
Mas sempre rica de encanto
Contou-me a historia seguinte :

„ No meu pequeno aposento
Formosa joven vivia ;
De boniteza um portento,
Nas horas de isolamento
Me fazendo companhia.

Comigo ha muito morava
De Babel na miniatura! . . .
Humilde qual unia escrava
As magoas compartilhava
De minha existencia escura !

Que carinha feiticeira
Que feição correctá e rara.

Mesmo a botina faceira
Da famosa Borralleira
No seu pé grande ficára.

Dos pygmeus as meninas
Não eram, não, mais mimosas!
Suas faces peregrinas
Tinham as côres divinas
Das assucenas e rosas.

Nas covinhas de seu rosto
Assetinado e marmoreo,
Fosse alvorada ou sol posto,
Luzia a expressão de gosto
Dos sanctos lá do oratorio.

Vivia sempre calada,
Pouco sujava os vestidos;
Mas quando a punha assentada
Da boquinha descerrada
Sahiam debeis gemidos.

Sempre tranquilla e serena
Não tinha fome nem sêde,

Passava a existencia amena
Deitada em cama pequena
Pendurada na parede.

Sem sentir calor nem frio
Sorria sempre contente!
Que collo branco e macio!
Jámais um disco sombrio
N'aquella fronte innocente!

Vivia como rainha
Tendo cultos de Madona:
Pois da bella coitadinha
Era amiga, mãe, madrinha,
Companheira, mestra e dona!

Punha-a ás vezes na janella,
Na hora em que o sol desponta;
De minha alcova singella
Quando eu sahia era ella
Quem ficava a tomar conta.

Nascêra lá no estrangeiro
D'onde pequena viera!

Comprei-a com meu dinheiro...
Oh! que affecto verdadeiro
Que sympathia sincera!

Mas hontem. que negro fado!
Tirando um livro da estante,
N'um movimento estouvado,
Seu bercinho pendurado
Foi ao chão no mesmo instante!

Quasi que fiz em pedaços
A culpada bibliotheca.
Quiz affagal-a em meus braços
Mas só achei estilhaços
Da espedaçada BONECA!!

Outubro — 1876.



EGOISMO E SPLEEN

Todos adoram *seus* sorrisos ledos
Seu ar contente que prazer traduz,
Quando no gozo d'infantis folguedos
Brilha seu rosto com serena luz.

Mas eu prefiro *seu* chorar sentido
Qu'exprime os trances de cruel penar,
Quando no pranto com ardor vertido
Se empana o brilho de seu lindo olhar!

Sigo constante seu celeste vulto
Se a fronte sua tem signaes de dôr,
Mas. delle fujo com pezar occulto
Se acaso ostenta jovial fulgor!


Sim! quando vejo n'alegria immersos
Os dois luzeiros que sam olhos seus,
Digo descrente : Como saõ diversos
Seus risos ledos dos prazeres meus!.

Mas quando chora com sentidos prantos,
Soltando queixas que sinceras são,
Crente modulo da esperança os cantos,
— Pois nossos fados são iguaes então!

Julho — 1876.



SUZANNA

o corpo de Suzanna a lympha da corrente
Envolve n'um abraço e beija docemente.
As ondas do regato ás ondas do cabello
Osculam á gemer.. talvez de fundo zelo..

A vaga quer cubril-a : — em volta se avoluma..
Qual tem maior nlvura, o corpo ou a branca espuma?

No collo alabastrino as aguas murmurantes
Desatam um collar de gottas scintillantes.

Na fronte diviual explendem diademas
De pingas cujo brilho imita finas gemmas.

No alveo do regato areia fina e clara
Ao pé da linda hebréa encobre rica e avara

Se acaso a seductora o corpo seu mergulha
O rio arfa e se alteia.. após triste marulha.

Da bella israelita aos languidos sorrisos
Respondem do regato os palpitanes frisos

Mas nisso de repente — além, dentre os palmares
Scintillam sobre ella uns lubricos olhares,

Medrosa ella estremece e cheia de receio
Occulta com a mão o peregrino seio.

Nas faces o rubor, levada pelo espanto,
Mergulha e logo a vaga envolve-a qual um manto.

Depois do banho sae, confusa e amedrontada,
Levando gottas mil na pelle assetinada.

Traduz-se em seu semblante um medo que contrista:
As vestes vae buscar da plaga entre os abrolhos:
Julgando que não vêr tambem é não ser vista
Encruza as mãos no seio e fecha os lindos olhos !



QUE SÃO OS AMIGOS

FABULA

A. SEVERINO P. RESTES

I

UMA grande cidade outr'ora havia
Um homem tão repleto de dinheiro,
Que por bocca pequena se dizia
Não viver outro igual no mundo inteiro.

Um luxo fabuloso elle ostentava
Dando bailes, banquetes e jantares,
Tinha baixellas ricas e contava
Amigos e parentes aos milhares.

Todos elles juravam-lhe á miudo
Verdadeira affeição, pura amizade,
Dizendo que contasse em tudo. em tudo
Com a mais cordial fidelidade.

E o rico varão nos seus negocios
Successos alcançava sem rivaes,
Amigos, relações, parentes, socios
Possuindo tambem cada vez mais !

II

Veio um dia, porem, em que a fortuna
Cessou de conceder-lhe protecção,
As costas lhe volveu inoportuna
Sem dar disso a menor satisfação.

Encobrio-se-lhe o céo que de esperanças
Risonho se mostrára tantas vezes
A desdita chegou ! Suas finanças
Soffreram, sempre a mais, grandes revezes.

Mas um facto que vae sem commentario
Entretanto com elle acontecia,
Era : á cada revez pecuniario
Um amigo ou parente lhe sumia !

De tal sorte isto foi que quando nada
Das antigas riquezas lhe restou,

Procurando o coitado uma pousada
Quem abrigo lhe desse não achou!

Dos amigos que tinha na opulencia
Nunca mais nem um só pode encontrar,
Por isso totalmente na indigencia
Viu-se o triste obrigado a mendigar.

Porém mais infeliz que os outros pobres
Compaixão não movia de ninguém :
Lembravam-lhe a riqueza e os idos cobres
Recusando-lhe dar nem um vintem ! ! . .

III

Um dia inteiramente desvalido
Sem mesmo possuir o que comer
Do que tinha nos bolsos escondido
Inventario lembrou-se de fazer.

D'algibeiras o exame procedia
Com tristonho vagar e lentidão,
Quando um brado soltou, mas de alegria,
Por achar bem no fundo um velho pão!

Disponha-se á comel-o satisfeito
Quando ouviu juncto a si triste ladrar.
Voltou-se e viu um cão magro desfeito.
Que logo conheceu sem mais tardar.

Era um galgo gentil seu favorito
No tempo das riquezas que perdera,
Que apesar de encontral-o roto, afflicto,
No meio da miseria o conhecera.

Ao pobre commoveu do velho amigo
A fiel affeição nos outros rara,
Pois todos se affastavam do mendigo
Só elle ao vel-o assim não se apartára.

Por isso embora a fome fosse dura,
Comquanto só tivesse um triste pão,
Para dar uma prova de ternura
Resolveu dividil-o com o cão.

Mas este approximou-se sorrateiro
Quando o velho a partilha ia fazer :
— Deu um bote : agarrou no pão inteiro
E depois retirou-se á bom correr !

Então o velho fraco e esfomeado
Exclamou com pezar muito profundo :
“ Eis aqui qual é sempre o resultado
“ De fiar-se em amigos neste mundo. „

Abri! — 1876.



ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

	PAGS.
Devaneios	3
Mãe	5
Dolce pena.....	9
O anjo do lar.....	10
Scena da roça.....	13
Constancia.....	14
Reverie	16
O velho.....	17
A Esmolada.....	19
A Avó.....	20
A phthisica.....	21
As orações.....	23
Na missa.....	25
Innocencia.....	26
Na fazenda.....	28
A moça que não ria.....	29
Rosa	31
Candida.....	33
Irmãos.....	35
Realismos.....	36
Engano	41
A' J.....	43

SEGUNDA PARTE

	PAGS.
Darkness.	49
Miniatura.....	51
No Templo.....	53
Sadness.....	55
Modernices.....	56
A' Antonio Pedro.....	58
A lamparina.....	60
A locomotiva.....	63
Delirio.....	64
Vozes intimas....	65
O Nosso Pae.....	73
Diva.....	74
Nostalgia.....	76
Tristezas.....	77
Mysterio.....	80
Ironias.....	81
Zelia.	82
Egoismo e spleen.....	87
Suzanna.....	89
O que são os amigos.....	91

Typ. Hildebrandt, r. da Alfandega 87, sobr.

ADVERTENCIA

Não obstante o esmero do trabalho typographic e o cuidado que houve na revisão das provas deste opusculo, escaparam, infelizmente, dous erros que alteram em muito o sentido das estrophes em que se acham.

São elles : — O primeiro na composição intitulada : — *A moça que não ria* — á pag. 29, onde, no segundo verso da terceira quadra lê-se :

— Sem fazer de *desgostos* um movimento

Dever-se-ha lêr :

— Sem fazer de despeito um movimento.

O outro é na poesia : — *A J.* — á pag. 43, em cujo primeiro verso :

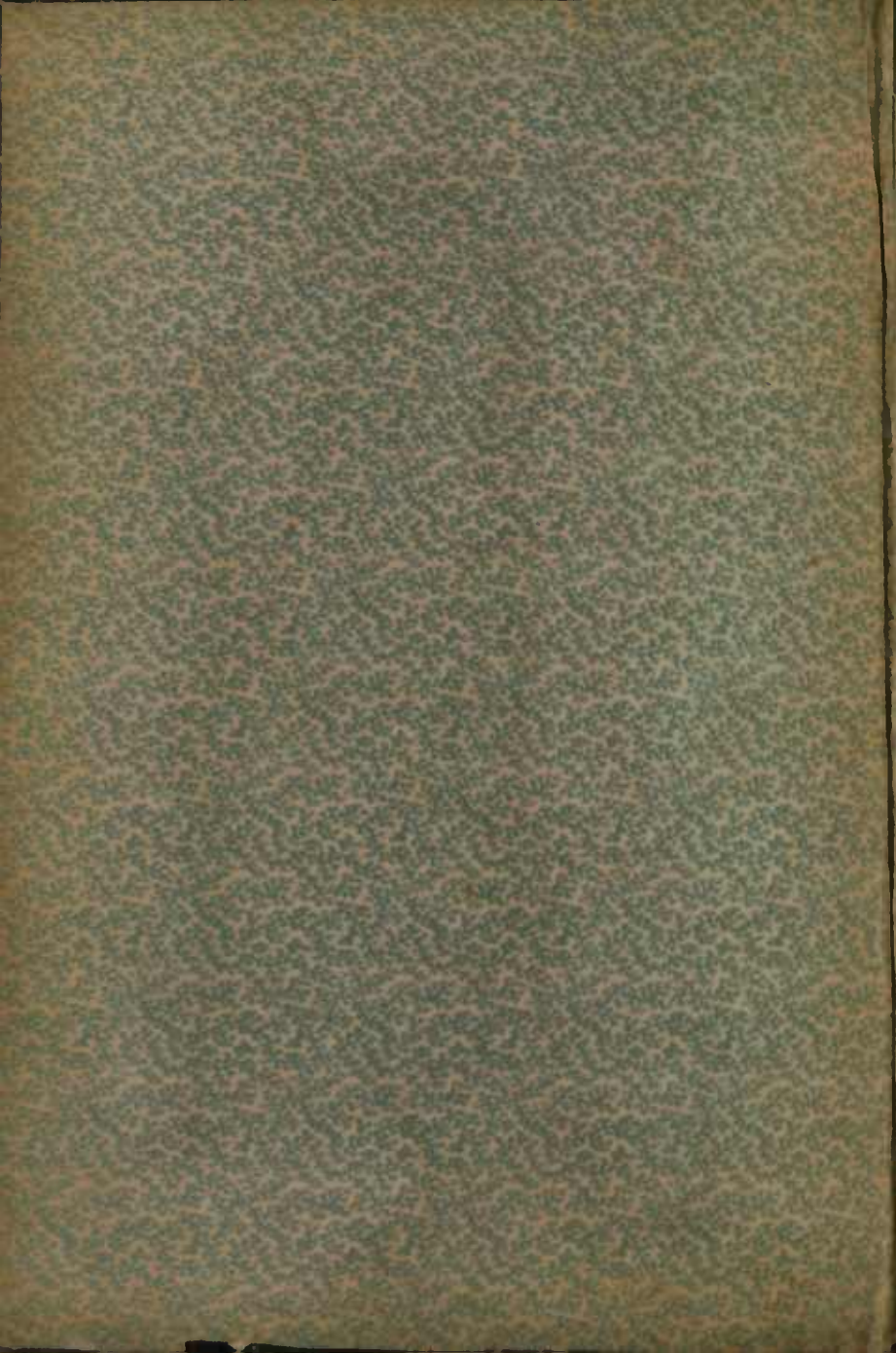
— Luz que *cegou* scintillando esquiva
claramente se vê que foi omittida a palavra
— *me* — e que, portanto, o verso deve ser :

— Luz que *cogou-me* scintillante esquiva.

Esperamos que o leitor intelligente relevará estes pequenos senões e outros que por ventura encontrar.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).